

THALASSIOS **Primeiro Século**

1. Deus é um, sem origem, incompreensível, possuindo completamente a potencialidade total de ser, excluindo completamente noções de quando e como, inacessível a todos, e não pode ser conhecido através de uma imagem natural por qualquer criatura que seja.

2. Até agora, como somos capazes de entender, Deus não constitui seja uma origem, ou um estado intermediário, ou uma consumação, ou qualquer outra coisa que pode ser vista para qualificar naturalmente coisas que são consequências dEle. Pois Ele é indeterminado, invariável e infinito, uma vez que Ele está infinitamente além de todo ser, potencialidade e realização.

3. Todo ser cuja auto-limitação própria é intrínseca a ele, é, por natureza, a origem da atividade percebida como potencialmente presente nele. Toda atividade natural no processo de realização - e tal atividade é, no nível conceitual, conseqüente ao próprio ser mas anterior à sua própria realização - é um estado intermediário, desde que, por natureza ele jaz entre o ser, no qual está presente potencialmente, e sua própria realização. Toda realização, limitada como é naturalmente por seu próprio princípio interno, é a consumação daquela atividade que tem sua origem no ser e que, falando conceitualmente, precede a realização.

4. Deus não é um ser, seja em geral ou em qualquer sentido específico da palavra, e então Ele não pode ser uma origem. Nem é Ele uma potencialidade seja em termos gerais ou em qualquer sentido específico, e então Ele não é um estado intermediário. Nem é Ele uma realização, seja num sentido geral ou específico, e então Ele não pode ser a consumação daquela atividade que procede de um ser no qual é percebida sendo pré-existente como uma potencialidade. Pelo contrário, Ele é o autor do ser e simultaneamente uma entidade que transcende o ser; Ele é o autor de potencialidade e simultaneamente o substrato que transcende a potencialidade; e Ele é o estado ativo e inesgotável de toda a realização. Em resumo, Ele é o autor de todo ser, potencialidade e realização, e de toda origem, estado intermediário e consumação.

5. Origem, estado intermediário e consumação caracterizam coisas divididas pelo tempo, assim como, caracterizam coisas que existem no aeon. Pois o tempo, através do qual a mudança é medida, é definido numericamente; enquanto o aeon, cuja existência pressupõe um 'quando', possui dimensionalidade, uma vez que sua existência tem uma origem. E se o tempo e o aeon têm uma origem, tanto mais terão aquelas coisas que existem dentro deles.

6. Deus, por natureza, é sempre uno e sozinho, substantivamente e absolutamente, contendo nEle Mesmo, todo-inclusivamente, a totalidade do ser substantivo, uma vez que Ele transcende até mesmo a própria qualidade do substantivo. Se isto é assim, não existe nada entre todas as coisas para as quais nós atribuímos o ser, que possui um ser substantivo. Deste modo, nada diferente de Deus em essência pode ser compreendido como coexistindo com Ele através da eternidade - nem o aeon, nem o tempo, nem qualquer coisa que existe dentro deles. Pois o ser substantivo e o ser que não é substantivo nunca coincidem.

7. Nenhuma origem, estado intermediário ou consumação podem estar livres da categoria de relacionamento. Deus, estando infinitamente além de todo tipo de relação, é por natureza nem uma origem, nem um estado intermediário, nem uma consumação, nem quaisquer daquelas coisas para as quais é possível se aplicar a categoria de relação.

8. Os seres criados são chamados inteligíveis porque cada um deles tem uma origem que pode ser racionalmente conhecida. Mas Deus não pode ser chamado inteligível, pois a partir de nossa apreensão de seres inteligíveis nós não podemos fazer mais que acreditar que Ele exista. Neste contexto, nenhum ser inteligível pode ser comparado com Ele de qualquer forma.

9. Os seres criados podem ser racionalmente conhecidos por meio dos princípios internos que são por natureza intrínsecos para tais seres e pelos quais são naturalmente definidos. Mas a partir de nossa apreensão destes princípios inerentes de seres criados, nós não podemos fazer mais que acreditar que Deus existe. Para o devoto Deus dá algo mais certo que qualquer prova: o reconhecimento e a fé que Ele substantivamente é. A fé é o conhecimento verdadeiro, os princípios que estão além da demonstração racional; pois a fé torna real para nós, coisas além do intelecto e da razão (cf. Heb. II: I).

10. Deus é a origem, estado intermediário e consumação de todas as coisas criadas, mas como 'agindo' em todas as coisas e não como 'tendo agido' em. Ele é a origem como Criador, o estado intermediário como governador providente, e a consumação como o final. Pois, como a Escritura diz, 'Todas as coisas vêm dEle através dEle, e O têm como sua meta' (Rom. II: 36).

11. Nenhuma alma de natureza divina é, em sua essência, de um valor maior que qualquer outra. Pois quando Deus, em Sua bondade suprema, cria cada alma em Sua própria imagem, Ele traz isto para dentro do ser dotado com auto-determinação. Ao exercitar esta liberdade de escolha, cada alma tanto reafirma sua nobreza verdadeira quanto, através de suas ações, abraça deliberadamente o que é ignóbil.

12. Deus, dizem, é o Sol da retidão (cf. Mal. 4: 2), e os raios de Sua bondade suprema brilham por sobre todos os homens semelhantes. A alma é cera se ela clivar-se para Deus, mas barro se ela clivar-se para a matéria. O que ela faz depende de sua própria vontade e propósito. O barro endurece ao sol, enquanto a cera cresce suave. Da mesma forma, toda alma que, apesar da advertência de Deus, cliva-se deliberadamente para o mundo material, endurece como barro e dirige a si mesma para a destruição, da mesma maneira que o Faraó fez (cf. Exod. 7: 13). Mas toda alma que cliva-se para Deus é suavizada como cera e, recebendo a impressão e o selo das realidades divinas, se torna 'em espírito o lugar de habitação de Deus' (Eph. 2 : 22).

13. Se o intelecto de uma pessoa é iluminado com a inteligência do divino, se sua fala é incessantemente dedicada a cantar os elogios ao Criador, e se seus sentidos são consagrados por imagens puras - ela aumenta aquela santidade que é sua por natureza, como criado à imagem de Deus, por adicionar a si a santidade da semelhança divina que é atingida através do exercício de seu próprio livre arbítrio.

14. Um homem mantém sua alma tornada pura diante de Deus se ele compelir sua mente a meditar só em Deus e Sua bondade suprema, se ele fizer de seu pensamento um intérprete e expositor verdadeiro desta bondade, e ensinar seus sentidos a formar

imagens santas do mundo visível e todas as coisas nele, e transportar para a alma a magnificência dos princípios internos que jazem dentro de todas as coisas.

15. Deus nos livrou da escravidão amarga aos demônios tirânicos e nos deu humildade como um jugo compassivo de devoção. É a humildade que domestica todo poder demoníaco, produz naqueles que a aceitam a santidade, e mantém esta santidade inviolada.

16. Aquele que acredita, teme; aquele que teme é humilde; aquele que é humilde se torna gentil e faz inativos aqueles impulsos de insensibilidade e desejo que são contrários à natureza. Uma pessoa que é gentil mantém os mandamentos; aquele que mantém os mandamentos é purificado; aquele que é purificado é iluminado; aquele que é iluminado é feito um cônjuge do Noivo e Logos divino no santuário dos mistérios.

The Philokalia, vol.2, 1981, Faber & Faber, pg.114-117.